



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICAS DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

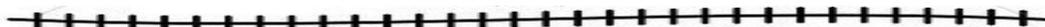
A NOÇÃO DE COURAÇA NA OBRA DE WILHELM REICH: ORIGENS E CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Bruno Henrique Prates de Almeida
Paulo Albertini

RESUMO

Este trabalho investiga o desenvolvimento da noção de couraça nos primeiros quinze anos da obra de Wilhelm Reich, de 1920 até 1935. A fim de acompanhar o percurso do pensamento do autor, abordamos a obra de acordo com a sequência cronológica de publicação. Os escritos analisados indicaram que as significações de couraça como defesa, proteção e resistência estão sempre presentes. Dentre os artigos acessados, localizamos a primeira aparição do vocábulo em 1922, como couraça narcísica. Constatamos que, para Reich, a couraça mantém contato com as realidades interna e externa, articula as noções de economia pulsional, ego e caráter, além de estar relacionada à operação do recalque. A princípio, é concebida na esfera psíquica, mas, gradativamente, passa a ser considerada, também, no âmbito somático, principalmente como hipertonia muscular crônica.

Palavras-chave: Caráter. Couraça. Desenvolvimento Humano. Reich.



Neste trabalho, focalizamos especificamente uma produção reichiana germinada em solo psicanalítico: a noção de couraça. Nosso principal objetivo foi o de acompanhar e explicitar o processo de construção desse conceito por meio de uma investigação das publicações do autor efetuadas de 1920 a 1935 (ALMEIDA, 2012). Em termos de método, optamos por seguir a sequência cronológica das publicações, tendo como guia a obra *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich* (MATTHIESEN, 2007).

Identificamos que a primeira citação do termo couraça ocorreu no artigo *Dois tipos narcisistas* (1922/1975). No texto investigado, o ainda jovem psicanalista (25 anos) explana sobre uma usual diferenciação entre as neuroses sintomáticas - um quadro clínico constituído por sintomas claros e bem definidos (egodistônicos) - e as neuroses de caráter, que apresentam sintomas difusos e mesclados ao modo particular de ser do indivíduo (egossintônicos). É no terreno nosológico das neuroses de caráter



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICAS DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

que a couraça é mencionada. Segundo o autor, “como uma regra, a *armadura narcísica* aparece mais cedo ou mais tarde e requer toda a habilidade do analista para ser penetrada” (REICH, 1975, p. 136, grifo nosso). Cabe informar que o texto consultado em nossa pesquisa é uma versão em inglês e o termo usado foi *narcissistic armor*, traduzido como armadura narcísica. No entanto, levando em consideração a questão das traduções, o consideramos equivalente à couraça narcísica. Outro dado relevante é que a noção de couraça é inaugurada atrelada ao conceito de narcisismo.

Inicialmente, Reich expõe a estrutura do primeiro tipo narcisista e que apresenta, prioritariamente, sentimentos de inferioridade, porém, essa frequente expressão autodepreciativa, como bem indica Silva (2001), encobre um ideal de ego superinvestido, uma desproporcional valorização de si. Já o segundo tipo de caráter contém uma outra configuração defensiva. Neste, ocorreria uma manifestação exagerada de superioridade, uma tentativa de contrabalancear os sentimentos latentes de inferioridade, muitas vezes inconscientes. Esse sujeito superestima e superinveste o ego real, inflando-o. Mais especificamente, a expressão de superioridade atuaria como uma couraça narcísica para evitar o contato com sentimentos de inferioridade decorrentes do complexo de castração. O autor ressalta, ainda, os diferentes momentos em que a couraça atua em cada tipo narcísico apresentado. Para ele, “em contraste com os representantes do complexo de inferioridade manifesta, onde a armadura narcísica aparece tardiamente no tratamento, os casos de inferioridade latente manifestam tal armadura logo no início” (REICH, 1975, p. 138). No decorrer do artigo, é notória a indicação de que, nos dois casos, a couraça narcísica deve ser focalizada na análise, pois essa formação defensiva atua como resistência e protege o equilíbrio neurótico.

Cinco anos depois, em *Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência* (1927/2001), o autor expõe de forma didática e em detalhes a sua principal contribuição para o campo da técnica psicanalítica, a *Análise do Caráter* (1933). No texto, em uma das exemplificações citadas, ele relata que atendeu um sujeito que esteve em tratamento analítico com um colega. Na análise com Reich, após quatro meses de atividade, como as interpretações realizadas não surtiam qualquer efeito no



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

paciente, a análise foi interrompida, supostamente devido às resistências não trabalhadas no início do processo. Refletindo sobre esse insucesso clínico, o então analista pondera que “é possível que uma interpretação mais demorada e mais consistente da *defesa narcísica* do paciente tivesse dado algum resultado” (REICH, 2001, p. 38, grifo nosso). Percebe-se que Reich utiliza diferentes terminologias, mas parece estar fazendo referência à mesma função. Fica a impressão de que a couraça narcísica - que resiste a qualquer intervenção externa sentida como uma ameaça à estrutura neurótica - equivale à “defesa narcísica”, expressão empregada no trecho citado.

No ano seguinte, dando continuidade à sua exposição da Análise do Caráter, publica o artigo *Sobre a técnica de análise do caráter* (1928/2001). Neste, merece destaque a articulação que o autor promove entre as neuroses sintomáticas e as de caráter, elaboração de certa maneira implícita em *Dois tipos narcisistas* (1922/1975), de que toda neurose sintomática está assentada num caráter neurótico. De acordo com essa elaboração, tanto nas neuroses sintomáticas, como nas de caráter, os traços de caráter neuróticos configurariam um condensado mecanismo de defesa, qual seja, a couraça de caráter. Nas palavras do autor:

A totalidade dos traços de caráter neuróticos manifesta-se na análise como um compacto *mecanismo de defesa* contra nossos esforços terapêuticos, e quando remontamos analiticamente à origem dessa “couraça” de caráter vemos que ela tem, também, uma função econômica definida. Tal couraça serve, por um lado, de proteção contra os estímulos externos e, por outro, consegue ser um meio de obter controle sobre a libido, que está continuamente pressionando desde o id, pois a energia libidinal e sádica é gasta nas formações reativas neuróticas, nas compensações etc (REICH, 2001, p. 56, grifo do autor).

Nesse fragmento, Reich expõe uma série de aspectos a respeito da sua visão de couraça. Para o autor, trata-se de um tipo de proteção contra estímulos externos, ao mesmo tempo em que essa formação controla e consome uma cota de energia libidinal e sádica. Tal estrutura defensiva ajuda a estabelecer um equilíbrio, mesmo que neurótico, e a análise é sentida como uma ameaça a esse estado. Também nesse mesmo texto, salientando o papel defensivo presente, afirma que “a couraça do caráter é a expressão concreta da *defesa narcísica* cronicamente implantada na estrutura



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

psíquica” (REICH, 2001, p. 59, grifo do autor). Ou seja, emprega a expressão “couraça do caráter” para indicar as defesas crônicas presentes no caráter neurótico.

Em acordo com a perspectiva técnica da análise do caráter, o analista deve buscar meios para desarticular os funcionamentos defensivos neuróticos do paciente, e isso significa realizar um trabalho consistente e direto com a couraça do caráter. Essa investida tem objetivos definidos e apontados pelo autor:

o resultado imediato do afrouxamento analítico da couraça de caráter e da ruptura do aparelho de defesa narcísico tem dupla face: 1) *A liberação dos afetos de suas ancoragens e disfarces*; 2) *O estabelecimento de uma entrada para a área central do conflito infantil – o complexo de Édipo e a angústia de castração*. (REICH, 2001, p. 84, grifo do autor).

Podemos perceber que o analista do caráter deve se ocupar, primeiramente, do trabalho com os aspectos defensivos neuróticos que atuam como resistência antes de interpretar materiais inconscientes profundos. Para ele, essa sistematização do trabalho analítico serve para evitar situações caóticas posteriores.

Um ano depois, em 1929, Reich publica o artigo *O caráter genital e o caráter neurótico: a função econômico-sexual da couraça do caráter* (1929/2001), um artigo, como o título sugere, rico em considerações a respeito da noção de couraça e voltado para o delicado tema das concepções de saúde e doença no campo da psicanálise. De início, vale citar o alerta efetuado pelo autor acerca do eixo principal do estudo. Aparentemente preocupado com possíveis apreensões que promovam uma separação artificial entre saúde e doença, ele afirma: “em termos de suas diferenças qualitativas, os caracteres neuróticos e genitais devem ser entendidos como tipos básicos. Os caracteres reais representam uma mistura” (REICH, 2001, p. 172).

De posse do entendimento de que a construção de defesas constitui algo que acompanha os seres vivos, Reich passa a discutir a relação entre a defesa empregada e a limitação decorrente da presença de tal estrutura. Com esse prisma de análise, ele argumenta que as defesas podem apresentar diferentes graus de rigidez e cronicidade. Nesse ponto, lançando mão de exemplos do campo da biologia, o autor observa que há protozoários “que se protegem do rude mundo externo com uma couraça de material inorgânico formado por excreções químicas do protoplasma” (REICH, 2001, p.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

167). O processo de adaptação das espécies traz consigo a necessidade de se desenvolver estruturas de defesa e tais formações protegem, porém limitam os movimentos das espécies que as desenvolveram.

Dando continuidade à elaboração conceitual, ainda no texto de 1929, Reich discorre a respeito dos aspectos quantitativos e qualitativos da couraça do caráter e, para isso, supõe duas possibilidades. Numa configuração, o “encouraçamento do caráter” ocorreria num “grau compatível com o desenvolvimento da libido” (REICH, 2001 p. 169) e isso indica que haveria possibilidades de contato e de afastamento do âmbito externo. Denominada como caráter genital, nessa estrutura

o ego é muito acessível tanto ao prazer (*lust*) como ao desprazer (*unlust*). O ego também apresenta uma couraça, mas ele a controla, não está à sua mercê. A couraça é flexível o bastante para se adaptar às mais diversas experiências (REICH, 2001, p. 175).

Merece destaque nesse fragmento, a indicação reichiana no sentido da possibilidade de contato tanto com o prazer, quanto com o desprazer, numa espécie de sensibilidade aberta às diversas circunstâncias inerentes ao viver. Nessa apresentação e discussão de características e potências do caráter genital, fica destacada, por exemplo, a possibilidade de lidar de maneira direta com diferentes emoções, por um lado sem precisar negá-las e, por outro, sem ficar subjugado pelas mesmas. Para o teórico, “a flexibilidade e a força de sua couraça se evidenciam pelo fato de, em um caso, ele se abrir ao mundo de modo tão intenso quanto, em outro, se fechar a este” (REICH, 2001, p. 175). Parece indicar uma capacidade de manter um fluxo entre abrir e fechar, tensionar e relaxar, carregar e descarregar, por meio de um uso saudável da couraça.

A respeito do outro polo, o do caráter neurótico e sua couraça, Reich destaca o aspecto econômico, salientando que “é provável que cada conversão permanente da libido objetal em libido narcísica ande de mãos dadas com o fortalecimento e enrijecimento da couraça do ego” (REICH, 2001, p. 170). Podemos notar que o autor retoma, de certa maneira, o assunto discutido no texto de 1922 (*Dois tipos narcisistas*), por um viés econômico, dado que haveria, nos dois tipos narcisistas relatados, um exacerbado investimento libidinal no próprio ego ou no ideal de ego. Ao que nos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

parece, essa condição é atribuída ao caráter neurótico, no qual o encorajamento do ego torna as brechas com o mundo externo muito limitadas.

Já no artigo *A solução caracterológica do conflito sexual infantil* (1933), Reich, em determinado trecho, tece uma costura entre as noções de ego, caráter e couraça.

De acordo com o autor:

O caráter consiste numa mudança *crônica* do ego que se poderia descrever como um *enrijecimento*. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se tornou crônica, merece a designação de *encorajamento*, pois constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo (REICH, 2001, p. 151, grifo do autor).

Vale assinalar que, focalizando o caráter neurótico, o autor menciona a ocorrência de um encorajamento excessivo e, porque não, aprisionador. Em sentido amplo, aponta para uma mudança de estado, particularmente, a passagem de um estado móvel e flexível, para um fixo e enrijecido. Mais especificamente, é possível entender que Reich está procurando indicar a ocorrência de um processo em que uma necessária formação protetora, o caráter, torna-se endurecida e crônica. Dado esse resultado, o sujeito tende a apresentar o mesmo padrão de reação, um procedimento típico, algo que pouco se altera em função das circunstâncias externas. Em outras palavras, na visão do autor, o ser humano encorajado não consegue mais controlar suas defesas, pois elas tornaram-se uma estrutura fixa e automática, uma armadura que protege ao mesmo tempo em que limita o potencial de ações no mundo e, mais além, implica num gasto de energia para a sua manutenção.

A edificação da couraça se dá na interação dos âmbitos interno e externo e o teórico salienta aspectos que interferem, inclusive, no âmbito da educação. Ele alerta que

se, por um lado, esse encorajamento tem pelo menos sucesso temporário ao evitar estímulos pulsionais internos, por outro, constitui forte bloqueio não só contra estímulos externos, mas também contra influências educacionais posteriores (REICH, 2001, p. 154).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Ainda nesse escopo educacional, o teórico adverte sobre a moral sexual vigente na época e como a mesma dificultava – e até impossibilitava – uma educação que levasse em conta as pulsões sexuais infantis.

Conforme destacamos no texto anterior, em 1929, Reich lança mão de analogias do campo da biologia e constrói imagens marcadas pela concretude, numa clara alusão à formação de uma estrutura protetora que, além da dimensão psíquica, comporta, também, uma esfera somática. Nesse texto de 1933, diante dessa complexa investida em localizar a couraça em meio à estruturação do sistema psíquico, o autor aponta que “é em torno do ego que essa couraça se forma, em torno precisamente daquela parte da personalidade que se situa na fronteira entre a vida pulsional biofisiológica e o mundo exterior. Por isso a designamos como *caráter do ego*” (REICH, 2001, p. 152, grifo do autor).

Ainda em 1933, no capítulo *Algumas formas definidas de caráter*, que integra o livro *Análise do caráter* (1933/2001), Reich se propõe a discutir os caracteres histérico, compulsivo e fálico-narcisista, muitas vezes comparando-os no intuito de, pelas diferenças, encontrar as peculiaridades de cada um. Nessa linha de formulação, mesclando observações sobre aspectos físicos e psíquicos, ele afirma: “A expressão facial e o modo de andar do caráter histérico nunca são rígidos e pesados, como no caráter compulsivo; nunca são arrogantes e autoconfiantes, como no caráter fálico-narcisista” (REICH, 2001, p. 198). Para os objetivos desta investigação, cabe chamar a atenção para o amplo e detalhado olhar sobre o corpo efetuado pelo autor ao discorrer a respeito da estrutura compulsiva. Na verdade, uma perspectiva sintonizada com a progressiva ampliação do enfoque reichiano visando circunscrever as formas de defesa somáticas em suas elaborações sobre a couraça. No texto:

O bloqueio de afetos representa um enorme *espasmo do ego*, que faz uso das condições espasmódicas somáticas. Todos os músculos do corpo, mas especialmente os do assoalho pélvico e da pelve, os músculos dos ombros e da face (note-se fisionomia “dura”, quase uma máscara, dos caracteres compulsivos), estão num estado de hipertonia crônica (REICH, 2001, p. 206, grifo do autor).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICAS DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Nessa acurada descrição a respeito dos aspectos somáticos da estrutura obsessiva, a percepção reichiana aponta para a massiva predominância do estado de hipertonia muscular. De acordo com o já exposto, o polo da saúde seria representado por estruturas mais flexíveis - formações pouco marcadas pela rigidez e cronicidade. Ou seja, a nosso ver, Reich está indicando a possibilidade de alternar estados. Aplicando esse mesmo ângulo de análise à dimensão corporal, saúde seria a possibilidade de endurecer e relaxar, conter e soltar.

Em 1935, Reich publica o texto *Contato psíquico e corrente vegetativa*, e esse parece ser o primeiro trabalho que registra de forma mais extensa suas descobertas sobre “a unidade antitética das manifestações psíquicas e vegetativas da vida afetiva” (REICH, 2001, p. 267). O autor busca teorizar e fundamentar correlações entre as expressões emocionais no sistema psíquico e no sistema nervoso vegetativo, atualmente designado como sistema nervoso autônomo. É por meio da noção de couraça que será possível realizar essa articulação, isto é, esgarçar a conceituação sobre a couraça do caráter e compreender como a mesma opera no corpo, via couraça muscular.

Reich ensina que a correta análise de uma função defensiva (psicológica e caracterológica) produz estados de tensão e excitações vegetativas, tais como, sensação de aperto na região do coração, sensações de tensão na musculatura, de calor e frio, salivação ou boca seca, respiração contida, tonturas, náuseas, movimentos musculares involuntários etc. Assim, constata empiricamente que a couraça retém energia vegetativa e que a técnica da Análise do Caráter pode liberá-la por meio de sua aplicação. Segundo o próprio autor, “muitas vezes, sem dúvida, após a remoção de uma camada do aparelho de defesa, começam a fluir afetos liberados, junto com o material infantil referente a eles” (REICH, 2001, p. 287).

Reich parte, então, em direção ao aprofundamento dessa descoberta, pesquisando clínica e laboratorialmente, o funcionamento da couraça caracterológica e muscular. Constata que há duas correntes de excitação no organismo que percorrem direções opostas, dependendo do que está sendo experienciado. A corrente do impulso libidinal, do prazer, da agressividade, vai do centro do organismo para a periferia e, em



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉERICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

sentido oposto, a corrente da angústia e do medo, vão da periferia para o centro. O que se percebe são estados afetivos que promovem expansão e outros que produzem contração. A couraça seria uma cronificação em algum desses estados e Reich explorou mais detidamente, o que ele chamou de hipertonia muscular crônica. Essa atitude muscular, condição fisiológica de rigidez, de tônus aumentado, funciona, na perspectiva reichiana, como uma espécie de encouraçamento do sistema biopsíquico, inibindo impulsos agressivos e amorosos, por exemplo.

A couraça, portanto, funciona como traços de caráter – poderíamos citar a rigidez psíquica, a teimosia - e, também, como atitudes musculares crônicas. Nessa linha de raciocínio, operações psíquicas terão correspondentes somáticos. No recalque, importante operação psíquica que afasta da consciência e mantém na inconsciência qualquer conteúdo aflitivo para o ego, produz um estado crônico de tensão. Assim, já em 1933, no texto *A solução caracterológica do conflito sexual infantil* citado anteriormente, na visão reichiana, “os recalques têm de ser cimentados, o ego tem de se *enrijecer*, a defesa tem de assumir um caráter cronicamente operante e automático” (REICH, 2001, p. 153, grifo do autor). Essa cronificação, enrijecimento e automaticidade caracterizam o encouraçamento e, nesse ponto da obra, o autor aponta sua relação com o recalque. Desse modo, indica que “há uma *diferença* no estado de tensão muscular *antes* e *depois* de se solucionar um recalque severo (REICH, 2001, p. 315, grifo do autor). Para ele, quando há uma barragem de uma ideia ou moção pulsional, alguma parte do corpo também refletirá tal estado de resistência que, ao ser superada, produzirá uma sensação de alívio. Para ele, “a tensão psíquica e o alívio não podem existir sem uma representação somática, porque a tensão e o relaxamento são estados biofísicos” (REICH, 2001, p. 315).

Vimos, portanto, que no período abrangido por nossa pesquisa, houve uma ampliação da noção de couraça. A conceituação nasce em berço psicanalítico, em 1922, como couraça narcísica, abarcando as significações de defesa, proteção e resistência. Verificamos que, para Reich, a couraça mantém contato com as realidades interna e externa, articula as noções de economia pulsional, ego e caráter, além de estar relacionada à operação do recalque. A princípio, é concebida na esfera psíquica,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICAS DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

mas, gradativamente, passa a ser considerada, também, no âmbito somático, principalmente como hipertonia muscular crônica.

REFERÊNCIAS

Almeida, B.H.P. (2012). **A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Matthiesen, S. Q. (2007). **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento**. São Paulo: Annablume/Fapesp.

Reich, W. (1975). **Two narcissistic types**. In: *Early writings volume one*, p. 133-142. New York: Farrar, Straus and Giroux.

_____. (2001). **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência**. In: *Análise do Caráter*, p. 33-50. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **Sobre a técnica de análise do caráter**. In: *Análise do Caráter*, p. 51-118. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **O caráter genital e o caráter neurótico: a função econômico-sexual da couraça do caráter**. In: *Análise do Caráter*, p. 165-185. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **A solução caracterológica do conflito sexual infantil**. In: *Análise do Caráter*, p. 149-163. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **Algumas formas definidas de caráter**. In: *Análise do Caráter*, p. 197-214. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). **Contato psíquico e corrente vegetativa**. In: *Análise do Caráter*, p. 149-163. São Paulo: Martins Fontes.

Silva, J. R. O. (2001). **O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich**. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates; ALBERTINI, Paulo. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRIA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Bruno Henrique Prates de Almeida / São Paulo / SP / Brasil - Psicólogo (06/89135) e mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano (USP), atua nas áreas clínica, acadêmica e organizacional. Autor de artigos focados no Desenvolvimento Humano e Psicologia Clínica, ministra aulas, cursos, palestras e workshops nessas áreas. É especialista em Psicanálise e Psicologia do Corpo e trabalha em consultório particular em São Paulo.

Email: bruno@ericom.com.br

Paulo Albertini / São Paulo / SP / Brasil - Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto (1977), mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é Professor Doutor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Atua na área de Psicologia, com ênfase em Desenvolvimento Social e da Personalidade, pesquisando principalmente nos seguintes temas: bases conceituais do pensamento de Wilhelm Reich, aproximações e divergências entre Reich e Freud, idéias de Reich para a área educacional.

Email: palbertini@usp.br